



RPG GIRASSÓIS: EPISTEMOLOGIAS ACADÊMICAS NEGRAS PARA OS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ellen Gonzaga Lima Souza¹

Núbia Cristina Sulz Lyra Correa²

Resumo: O presente artigo apresenta o Role-Playing Game (RPG) Girassóis que aborda conceitos teórico-metodológico desenvolvidos por acadêmicas negras que orientam noções de infâncias e crianças negras e estruturam fundamentos da educação das relações étnico-raciais. O jogo foi concebido em uma chave de afrocentricidade orientado para graduandas/os do curso de Pedagogia. Para a comunidade acadêmicas negras a pesquisa é, também, uma forma de militância tal condição se expressa a busca por justiça curricular e isso, exige, coerência pedagógica para comunicar valores ancestrais que promovem cidadania com as nossas crianças de ontem e de hoje na ordem cosmogônica de Exu que subverte o tempo e o espaço nos levando para mãe África.

Palavras-Chave: Infâncias; Acadêmicas Negras; Fundamentos da Educação; RPG (Role-Playing Game) e Educação das relações étnico-raciais

RPG SUNFLOWERS: EPISTEMOLOGIES OF BLACK ACADEMICS FOR THE FUNDAMENTALS OF CHILDHOOD EDUCATION.

Abstract: This article aims to present the RPG (Role-Playing Game) Sunflowers, the game presents theoretical-methodological concepts developed by black academics who guide notions of black children and infants and structure the foundations of the education of ethnic-racial relations. The game was conceived in an Afrocentricity key aimed at undergraduates in the Pedagogy course. For the black academic community, research is a form of activism, such a condition is expressed in the search for curricular justice, requires pedagogical coherence to communicate ancestral values that promote citizenship with our children of yesterday and today in the cosmogonic order of Exu that subverts the time and space taking us to mother Africa.

¹ Professora Adjunta do Departamento de Educação na Universidade Federal de Lavras – MG (UFLA) e coordenadora do Grupo de Pesquisa Laroyê – Culturas Infantis e Pedagogias Descolonizadoras. Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. São Carlos/SP, Brasil. E-mail: ellenl.souza@ufla.br Orcid <https://orcid.org/0000-0002-7945-9353>

² Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal de Lavras – MG (UFLA) integrante do Grupo de Pesquisa Laroyê – Culturas Infantis e Pedagogias Descolonizadoras. E-mail: nubia.correa@estudante.ufla.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2490-5257>

Key-words: Childhoods; Black Academics; Fundamentals of Education; RPG (Role-Playing Game) and Education of ethnic-racial relations.

RPG GIRASOLES: EPISTEMOLOGÍAS DE LAS ACADEMIAS NEGRAS PARA LOS FUNDAMENTOS DE LA EDUCACIÓN INFANTIL.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar lo juego RPG Girasoles (Role-Playing Game) que abordan conceptos teóricos y metodológicos desarrollados por académicos negros que guían las nociones de niños y infancias negros y estructuran los fundamentos de la educación de las relaciones étnico-raciales. El juego fue concebido en una clave de Afrocentricidad dirigida a estudiantes de pregrado en el curso de Pedagogía. Para la comunidad académica negra, la investigación también es una forma de activismo, tal condición se expresa en la búsqueda de justicia curricular y esto requiere coherencia pedagógica para comunicar valores ancestrales que promuevan la ciudadanía con nuestros hijos de ayer y de hoy en el orden cosmogónico. de Exu que subvierte el tiempo y el espacio llevándonos a la madre África.

Palabras-clave: Infancia; Académicos negros; Fundamentos de la educación; RPG (Role-Playing Game) y educación de las relaciones étnico-raciales

RPG SUNFLOWERS: EPISTEMOLOGIES OF BLACK ACADEMICS POUR LES FONDAMENTAUX DE L'EDUCATION DES ENFANTS.

Résumé: Cet article vise à présenter le RPG (Role-Playing Game) Tournesols qui aborde des concepts théoriques et méthodologiques développés par des universitaires noirs qui guident les notions d'enfants et de nourrissons noirs et structurent les fondements de l'éducation des relations ethno-raciales. Le jeu a été conçu dans une clé Afrocentricity destinée aux étudiants de premier cycle du cours de pédagogie. Pour la communauté académique noire, la recherche est aussi une forme d'activisme, une telle condition s'exprime dans la recherche de la justice curriculaire et cela nécessite une cohérence pédagogique pour communiquer des valeurs ancestrales qui promeuvent la citoyenneté avec nos enfants d'hier et d'aujourd'hui dans l'ordre cosmogonique d'Exu qui subvertit le temps et l'espace nous emmenant à la maman'Afrique.

Mots-clés: Enfance; Universitaires noirs; Fondamentaux de l'éducation; RPG (Role-Playing Game) et éducation aux relations ethno-raciales.

INTRODUÇÃO

*Tem que estudar, meu amor!
Para tudo nessa vida tem que estudar,
você precisa estudar para poder ser,
você precisa estudar para realizar os seus sonhos...
(Mirtes Souza; mãe de Miguel Otávio)*

O presente artigo relata a experiência de construção de um Role-Playing Game (RPG), cujo título é “Girassóis”, que visa traduzir conceitos acadêmicos produzidos por

pesquisadoras acadêmicas negras, da área da Educação, e suas aplicabilidades na identificação e combate ao racismo e ao patriarcado presente na educação brasileira.

Iniciamos este artigo com a autoridade de uma mãe negra brasileira, pois ela traduz uma das principais reivindicações e expectativas das mulheres negras brasileiras que é o direito ao acesso e permanência à Educação Formal, considerando esta como uma estratégia de resistência e empoderamento de suas filhas/os. Cabe destacar, à luz do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), que as crianças são especialmente mais atravessadas a quadros de vulnerabilidade e de violações de direitos: a iniquidade no Brasil sentencia 29% de sua população a viver na penúria, em que por ser o Racismo algo sistêmico (MOORE, 2006), faz com que as crianças negras, quando comparadas as crianças brancas, tenham quase 70% mais chances de viver na pobreza (UNICEF, 2010).

Diante das desigualdades cada vez mais latentes que, de 2010 para os atuais 2020, se expressam de forma beligerante, como demonstrada no abandono de Miguel, por exemplo, faz com que educação no combate as injustiças sociais e a iniquidade seja cada vez mais indispensável.

Assim, a luz que o RPG Girassóis se propõe a mirar é a da comunidade negra acadêmica, que ao longo dos anos vem construindo uma educação que combate os equívocos e distorções que historicamente transformaram diferenças em desigualdades, reflexos da colonialidade do poder expressos no racismo e machismo. O RPG tenta representar a construção coletiva de conhecimento, que no presente caso se traduz, também, em forma de militância apresentando nos discursos científicos narrativas das experiências das comunidades negras.

COMUNIDADE NEGRA ACADÊMICA

É necessário ter como ponto de partida que para acadêmicas/os negras/os a pesquisa é, também, uma forma de militância. Segundo Gomes (1997) historicamente há uma crescente preocupação em desenvolver outras categorias de análise que consigam explicitar a complexidade das relações étnico-raciais no Brasil.

Assim, com base em nossas reflexões, concluímos que pesquisas se constituem em possibilidade de luta quando, de um lado, levam em conta os objetivos e prioridades de um grupo social marginalizado pela sociedade – presente caso, o povo negro, as suas comunidades; de outro, quando são desenvolvidas com a



intenção de oferecer suporte para a solução de problemas das comunidades negras, como acesso à educação e sucesso acadêmico, manutenção à saúde e acesso aos serviços disponíveis, além da criação de serviços necessários, habitação condigna, emprego, direito à cultura, à história; de outro, ainda, quando intentam explicitar relações étnico-raciais, sem camuflar sua frequente crueldade, tampouco os sofrimentos delas decorrentes, e, assim, propõem formas de educar para combater o racismo e as discriminações (SILVA, 2005, p.29).

Dessa forma nas últimas décadas acadêmicas negras como Silva (1997; 1998; 2005; 2010); Gomes (1997; 2018; 2019; 2019); Malachias (2014; 2016; 2017; 2019); Souza (2016; 2018; 2019); Dias (2012; 2020); Cavalleiro (2000); Bento (2014; 2018); Oliveira (2008); Oliveira (2004); Oliveira (2008); Oliveira (2006; 2016), Santos (2012; 2013); Nunes (2016); Rodrigues (2009; 2013); Damião (2007); Reis (2004; 2010); Santana (2006); Trinidad (2011); Jovino (2015) e Franco (2017) construíram pesquisas que reverberam em possibilidades de luta contra o racismo e proposições de práticas pedagógicas que rompem com a colonialidade do poder.

As referidas acadêmicas negras trazem em seus textos anúncios ancestrais de movimento Sankofa³, movimento esse que direciona os diferentes focos das pesquisadoras para as raízes da ancestralidade negra, portanto, trazem à tona conceitos que possuem uma perspectiva humanizadora e reconfiguram a ciência de forma a convergir para mais complementaridade e menos para o conflito. Nesta direção é possível observar que as pesquisas estão todas enraizadas nas comunidades negras, possuindo esse enraizamento um caráter de (re)existência.

Tal compreensão de mais complementaridade e menos conflito desdobra-se no paradigma da afrocentricidade descrita por Mazama (2009, p. 117): “centralidade na comunidade; respeito à tradição; alto nível de espiritualidade envolvimento ético; harmonia com a natureza; natureza social da identidade individual; veneração dos ancestrais e unidade do ser”. Tais orientações cujas referências estão nos estudos de Karenga (2000) e Asante (2003) tem por objetivo convergir para mais complementaridade e menos conflito, de forma a não separar os conceitos teóricos da

³ O conceito de Sankofa (Sanko = voltar; fa = buscar, trazer) origina-se de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Em Akan “se wo were fi na wosan kofa a yenki”, que pode ser traduzido por “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”. Como um símbolo Adinkra, Sankofa pode ser representado por um pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, o futuro. Também se apresenta como um desenho similar ao coração ocidental. Os Ashantes de Gana usam os símbolos Adinkra para representar provérbios ou ideias filosóficas. Sankofa ensinaria a possibilidade de voltar atrás, às nossas raízes, para poder realizar nosso potencial para avançar. A esse respeito ver Nascimento (2008).



realidade objetiva e tomar tais conceitos como aportes para a correção de equívocos e distorções que historicamente transformam diferenças em desigualdades.

Por isso, os estudos do campo da educação das relações étnico-raciais trazem em seus fundamentos centrais os princípios orientadores que são, a Consciência Política e Histórica da Diversidade e o Fortalecimento de Identidades e de Direitos e Ações Educativas de combate ao Racismo e a Discriminações (expressos pela lei 10.639/03 que altera a LDB 9394/1996, estabelece o parecer CNE/CP/03/2004 e apresenta Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana).

A consideração da educação com uma das principais resistências ao patriarcado é transnacional, nesse sentido hooks (2013)⁴, na obra “Ensinando a transgredir”, denuncia a ausência de fundamentos substanciais presentes na academia para a compreensão das realidades das comunidades negras. Para tanto, a autora exemplifica a leitura primária de objetificarem os homens negros como seres castrados e submissos quando a sua experiência como mulher negra não compreendia essa análise distorcida e equivocada. Dessa forma a autora anuncia com sua experiência e compreensão dos cânones acadêmicos realidades mais objetivas de suas comunidades.

Para hooks (2013) a academia não é um asilo, mas um local de intercâmbio. Assim tendo como aportes os estudos culturais⁵ a autora afirma a necessidade de construir práticas pedagógicas engajadas as novas linguagens, rompendo com fronteiras disciplinares de forma a descentralizar a autoridade, inclusive a autoridade discursiva. Nessa direção, é fundamental construir e reconhecer a existência de comunidades pedagógicas. No presente caso destacamos a comunidade de mulheres negras acadêmicas que centralizam seus estudos e pesquisas com Crianças e Infâncias Negras a fim de produzir uma educação antirracista e naturalmente combativa ao patriarcado.

Assim os fundamentos para uma educação antirracista perpassam pelo reconhecimento da existência de uma comunidade ancestral acadêmica forjada por mulheres negras com objetivos em comum e metodologias de pesquisas variadas. Essas

⁴ A autora como forma de homenagem a sua ancestralidade (avó materna), escreve em minúsculo, dessa forma seguimos o que a própria recomenda.

⁵ Henry Giroux e Peter McLanren.

acadêmicas discursam com Mirtes Souza⁶, “tem que estudar meu amor”! Assim, Mirtes reafirma em 2020 nos seus relatos de experiências na busca de justiça por Miguel, a compreensão de que “educação é uma questão política para pessoas exploradas e oprimidas (...) essa atitude se justificava pela luta para resistir à supremacia branca e aos ataques racistas” (hooks, 2019, p. 207).

Assim como anuncia Collins (2019) a experiência vivida é um critério de significação, por isso as acadêmicas negras tentam trazer em seus conceitos as crianças reais e repensar significados de infâncias possíveis para estas que poderiam fundamentar a educação de uma forma mais justa, equânime e igualitária. Entretanto a academia, tal como se configura, dificulta o reconhecimento dessa articulação em seus fundamentos, deixando as pesquisas das acadêmicas negras como “coadjuvante” na compreensão de educação em seus princípios éticos, políticos e estéticos.

Acadêmicas negras que persistem na tentativa de rearticular um ponto de vista de mulheres negras também se deparam com a potencial rejeição em termos epistemológicos, daquilo que se afirma ser o conhecimento. As acadêmicas negras podem ter a convicção de que algo é verdadeiro – isto é, de que algo é verdadeiro segundo os padrões amplamente aceitos entre mulheres negras –, e, contudo, não quererem ou constatarem que não é possível legitimar suas afirmações usando as normas acadêmicas predominantes. Cada discurso, cada nova proposição deve condizer com um conjunto de conhecimentos existente e aceito como verdadeiro pelo grupo que controla o contexto interpretativo. Observe, por exemplo, as diferenças entre a maneira como mulheres negras estadunidenses interpretam suas experiências como mães solteiras e a maneira como as pesquisas em ciências sociais analisam a mesma realidade. Enquanto mulheres negras enfatizam sua luta contra a discriminação no mercado de trabalho, pensões alimentícias insuficientes, moradias precárias, violência urbana, demasiadas pesquisas em ciências sociais parecem hipnotizadas por imagens de “mulheres preguiçosas que dependem da ajuda do governo”. Os métodos utilizados para validar o conhecimento devem, ainda, ser aceitos pelo grupo que controla o processo de validação. Narrativas individuais de afro-americanas sobre suas experiências como mães solteiras são invisibilizadas em metodologias de pesquisa quantitativa, que apagam individualidades em favor da identificação de padrões de abuso dos benefícios estatais. Assim, a discussão sobre o que constitui uma justificativa adequada para que uma determinada afirmação – que pode ser, por exemplo, um fato ou uma teoria – seja considerada verdadeira é relevante para as intelectuais negras. Assim como os descendentes de Hemings eram constantemente desacreditados, muitas mulheres negras não são vistas como testemunhas confiáveis de sua própria experiência (COLLINS, 2019, p. 145-46).

⁶ Mãe de Miguel Otávio criança que foi vítima de abandono a esse respeito ver: <https://jornalggn.com.br/artigos/tambem-tenho-nome-e-mirtes-souza-a-mae-negra-que-luta-por-justica/>

Assim, cabe indagar como articular uma educação antirracista, que sobretudo discusse na promoção da equidade reconhecendo que “uma ideologia revolucionária só poderá ser criada se as experiências daquelas pessoas que estão à margem, que sofrem a opressão sexista e de outras formas de opressão de grupo, forem compreendidas, discutidas e assimiladas (...)” (hooks, 2019, p.110).

Para as acadêmicas negras é condição indispensável teorizar com as crianças, bem como suas mães e comunidades, é necessário estar em comunidade e com ela construir objetivos em comum. Nesta direção a possibilidade de converter fundamentos da educação das relações étnico-raciais desenvolvidos por acadêmicas negras em um jogo, considerando a importância e a centralidade do brincar, sobretudo, na Educação Infantil é o que nos faz desenvolver o RPG Girassóis como uma possibilidade de explicar uma pedagogia com compromisso ético, político e estético antirracista.

RPG GIRASSÓIS COMO UMA ESCOLHA EPISTEMOLÓGICA DE COMO ESTRATÉGIA DE JUSTIÇA CURRICULAR

O Role-Playing Game (RPG) originalmente é um jogo de tabuleiro que tem como objetivo promover a interação entre os participantes, bem como trabalhar contextos tais como a circularidade, cooperatividade traduzindo conceitos como: pensar negro/pensar comunitário; justiça curricular/coerência pedagógica; reencontro à infância negra/sororidade e lógica exúlica/brincar na África mítica, de forma lúdica que serão desenvolvidos ao longo do texto. Neste caso a compreensão de uma batalha entre as acadêmicas negras e o patriarcado está posta no jogo de tabuleiro. Para tanto, o entendimento de que para vencer o “inimigo” o trabalho em equipe se faz necessário, os participantes do jogo vão aprendendo a articular os conceitos para a superação do inimigo, neste caso a ideologia do patriarcado.⁷

⁷ Embora tenhamos denominado o adversário de patriarcado para fins didáticos, ele representa a articulação perversa entre diferentes formas de dominação. “Para as mulheres negras, como afirmou Gomes (2017), durante o 13º Congresso Mundo de Mulheres & Seminário Internacional Fazendo Gênero 11, existir é reinventar a si mesma: É reinventar a nós mesmas e resistir à tentativa de apagamento, de silenciamento, de invisibilidade provocada pela articulação perversa entre racismo, patriarcado, colonialismo, capitalismo e outras formas de dominação. E é na reflexão e compreensão sobre a forma como operam esses fenômenos, e a maneira como nós lidamos, enfrentamos, combatemos e o superamos, de forma emancipatória, é que se [assenta] a interseccionalidade. Eu digo de forma emancipatório porque é possível, no campo progressista, das lutas por emancipação social, que nós tenhamos e tentemos enfrentar as opressões, mas de forma

A militância histórica da comunidade acadêmica negra revela que as lutas e as batalhas contra a transformação de diferenças em desigualdades só são possíveis de serem enfrentadas com cooperação, tornando então esse sentimento mais presente do que a preocupação individual ou mesmo vitórias e derrotas. Assim, a confecção do tabuleiro, levou em consideração o formato oval, para sua disposição, sendo que o mesmo se justifica por três princípios: a associação do ovo à fertilidade feminina; sua ligação com Oxum; e, a física do formato que, na vertical, possui resistência aos possíveis impactos que protege o mesmo da quebra, sendo então esta analogia utilizada para distribuição das acadêmicas no tabuleiro. Outro detalhe importante no mesmo é que a borda simula um espelho, outra referência à Oxum.

Nesse universo, que representa parte da resistência negra no Brasil, temos a figura da Ìyálòdè (mulher que assume papéis de liderança ou responsabilidade coletiva), que desenvolve ações de afirmação próspera para todos os membros da comunidade. De acordo com a tradição africana Iorubá, esse é um dos títulos dados a Òsun (Oxum), divindade feminina protetora das crianças, ligada à maternidade, fertilidade e a multiplicação, cultuada na cidade de Òsogbo e protetora de Abéòkúta na Nigéria, região da África Ocidental. Conta-se em diversos ìtàn (conjunto de mitos, canções, histórias e outros componentes culturais) dessa tradição oral que Òsun òrìṣà (orixá) é marcada pela beleza, pela força de vontade, capacidade de liderança e realização; celebra a figura das mulheres que se colocam como agentes políticos de mudança, detentoras principais das riquezas conquistadas e presença no espaço público – destaca-se, aqui, que a liderança feminista negra é fundamentalmente coletiva. Dessa maneira, os mitos a respeito dessa divindade africana revelam o papel feminino das mulheres nas dimensões de luta, de instabilidade de posições, de poderes de agenciamento e transformação, como também da sua responsabilidade em relação ao grupo e da existência de uma coletividade, tensionando o patriarcado (ORIEL; SANTIAGO; SOUZA, 2018, p. 320).

reguladora dos sujeitos, dos seus corpos, das suas opiniões, das suas diferenças respectivas. Por isso tem que ser emancipatório” (ORIEL; SANTIAGO; SOUZA, 2018, p.322).



Figura 1: O Tabuleiro



Fonte: NÚBIA C. S. L. CORREA, 2020

A escolha do nome “GIRASSÓIS” advém de uma homenagem à Oxum, mas também devido a morfologia da planta, pois a “flor” é uma inflorescência, ou seja, um conjunto de flores. Assim cada “pétala” é uma flor (função atrativa e protetora), bem como o seu interior é coberto de flores, as quais tem função reprodutiva onde cada flor dá origem a uma semente. Dessa forma, cada “flor” tem sua função e essa “micro comunidade” se respeita e atua em favor da mesma para o progresso de todos, da raiz às sementes. Outro fator interessante é o caráter heliotrópico da inflorescência que se volta para o sol, buscando mais luz para otimizar seu processo de fotossíntese. Assim, vemos como uma comunidade que atua em busca de melhores condições para seus componentes.

Em geral, os RPGs trabalham com realidades fictícias, de universos imaginários. Aqui, o conjunto das regras, assim como as cartas de ônus e bônus, foram pensadas para tornar o jogo o mais similar possível com a realidade, como em um paralelo, possibilitando uma experiência muito próxima da que vivenciamos nessa sociedade patriarcal capitalista e branca. As cartas de ônus e bônus, em especial, têm o intuito de representar os revezes que a vida nos proporciona. Dessa forma, os “elementos surpresas” simulam consequências de nossas lutas, bem como a causa delas existirem: as diversas micropolíticas de opressão e repressão da máquina patriarcal capitalista e racista⁸.

⁸ As inspirações para a compreensão das micropolíticas de opressão foram inspiradas em MORLEY, Louise. *A micropolítica dos estudos de gênero: feminismo e mudança organizacional no mundo acadêmico. Emancipação*, 2002.

Portanto, a jogabilidade propiciada por esse RPG, possibilita uma forma metodológica diferenciada e lúdica para a compreensão dos efeitos do patriarcado capitalista eurocentrado sobre as minorias; teorias abordadas por grandes educadoras; ou mesmo definições de vivências como sororidade, Fake News, legislações e outros conceitos abordados no jogo. Nessa direção trazer os princípios éticos, políticos e estéticos que fundamentam a educação das relações étnico-raciais com o foco nas infâncias e crianças negras é uma forma de resistência aos processos de desigualdades. Conforme alerta Collins (2019, p. 142):

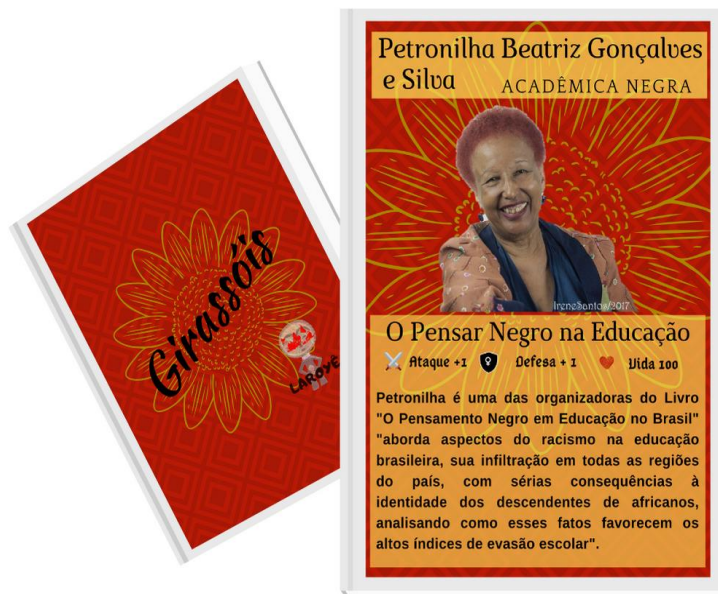
(...) escolhas epistemológicas sobre quem é digno de crédito, no que acreditar e por que algo é verdadeiro não são questões acadêmicas neutras. Pelo contrário, essas questões dizem respeito à problemática fundamental de como são determinadas as versões da verdade que irão prevalecer.

Embora o jogo não tenha limites de personagens nas cartas, no presente artigo optamos por apresentar apenas a cinco cartas das acadêmicas negras que foram referências na disciplina de Fundamentos da Educação Infantil⁹ no curso de Pedagogia na Universidade Federal de Lavras, e a carta do patriarcado. O RPG inicialmente foi apresentado como trabalho final¹⁰ para esta disciplina na graduação, posteriormente nos últimos dois anos foi aprimorado no grupo de pesquisa “LARROYÊ - Culturas Infantis e Pedagogias Descolonizadoras”.

⁹ O que destaca o título do presente artigo RPG GIRASSÓIS: EPISTEMOLOGIAS DE ACADÊMICAS NEGRAS PARA OS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

¹⁰ A versão aqui referida era composta por feministas e denominada MURARA. Elaborada por Núbia Cristina Sulz Lyra Correa e José Osvaldo Gouveia Júnior para a disciplina então ministrada por Ellen Gonzaga Lima Souza, no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Lavras - MG.

Figura 2: Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva



Fonte: NÚBIA C. S. L. CORREA, 2020

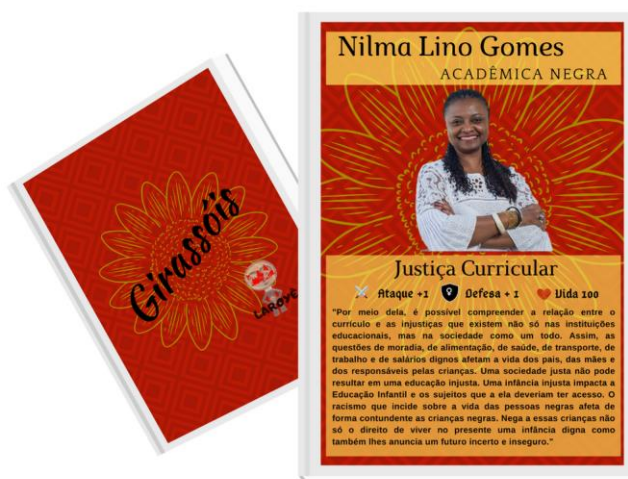
Ao observar a trajetória acadêmica da professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva é possível observar que em parceria com a professora Lúcia Assunção Barbosa, elas buscavam descrever a estrutura do pensamento negro em educação por meio das diferentes expressões do Movimento Negro desde 1997 (ano da obra mencionada na carta que destaca o poder do “Pensar Negro”):

as explorações que empreendemos, pesquisadores, professores da rede de ensino, estudantes, integrantes de grupos do Movimento Negro, levaram-no aos seguintes pontos-chave: a população de origem africana, no Brasil, desde sempre expressou suas concepções, convicções, orientações tendo em vista a educação escolar; suas posições costumam ser desconsideradas, desvalorizadas; há quem argumente ser difícil ou impossível saber, hoje, o que em suas escolhas e decisões tem por base uma visão africana de mundo; para que tais argumentos possam ser debatidos, faz-se necessário ampliar e intensificar investigações junto a comunidade negra brasileira, bem como realizar estudos comparados entre a comunidade negra na diáspora e na África; ao estudar os processos sociais, nos quais a população negra se educa e constrói sua identidade, há que considerar os aportes das religiões, sejam originárias de tradições africanas, sejam as de tradição cristã; os professores, da educação infantil ao ensino superior, têm importante papel no fortalecimento da identidade negra, que se constrói nos embates provocados pela ideologia do branqueamento (SILVA; BARBOSA, 1997, p. 12-3)

Assim pensar negro é pensar com a comunidade, em que tal condição é estruturante para a reflexão da concepção de educação para as infâncias em que dialogar,

estar, participar, dar ouvidos e falar com as crianças, é uma das metas perseguidas por esse coletivo de acadêmicas negras. Silva (1998, p. 2) ainda destaca que “partindo do que a vida ensina, vamos ajeitando nosso modo de ser, de atuar na sociedade, vencendo estágios de alienação e concretizando lutas silenciosas ou abertas, formando-nos cidadãs”. Quando a acadêmica anuncia que nós mulheres negras damos à luz a nós mesmas, também, nos anunciou em seu importante trabalho de relatoria do parecer CNE/CP/C03/2004, antes destacado neste artigo e componente curricular obrigatório para a formação de pedagogas/os.

Figura 3: Nilma Lino Gomes



Fonte: NÚBIA C. S. L. CORREA, 2020

Orientada pelo movimento Sankofa, a professora Nilma Lino Gomes descreve a centralidade do coletivo, ou seja, o movimento negro como educador demonstrando a coerência de sua teoria aliada à sua prática docente, conforme reafirma que a indignação pela injustiça social e cognitiva o que alimenta a luta antirracista (GOMES, 2018). Por isso, destaca que as suas produções acadêmicas estão enraizadas na trajetória de resistência da nossa comunidade, assim alertando que não há justiça social sem justiça cognitiva, e que as crianças negras para além de sujeitos de direitos, são, também, sujeitos de conhecimento.

Vale destacar a importância dos estudos sobre crianças negras e Educação Infantil, no Brasil, considerando que a pouca abordagem teórica sobre esses sujeitos expressa o lugar não hegemônico que a preocupação com a criança negra ocupa na pesquisa educacional e no cotidiano escolar, mesmo nas instituições



educacionais nas quais ela é maioria. Esse lugar subalterno impacta os currículos, os quais não são pensados e orientados para atender à especificidade racial dessas crianças e nem para compreender como o racismo se faz presente na Educação Infantil, não somente nas relações interpessoais entre as crianças pequenas, mas também na relação entre educadora/educador e criança negra, no trato da corporeidade negra nas instituições de Educação Infantil, na relação com a família e na abordagem pedagógica. Assim, construir práticas pedagógicas e rever os currículos da Educação Infantil para que a questão racial e o lugar da criança negra ocupem centralidade é uma urgência. Compreender a criança negra como sujeito de conhecimento e de direitos e colocar a relação entre infância e questão racial como um dos eixos centrais de um currículo emancipatório implica reconhecer a diversidade racial na sua dimensão afirmativa, como parte da existência humana. Significa indagar a distribuição e a organização curricular não só das instituições da Educação Infantil, mas, principalmente, dos cursos de formação de professoras e professores, públicos e privados, que colocam no mercado de trabalho contingentes consideráveis de profissionais que trabalharão com a infância negra nas instituições educativas e nas escolas (GOMES, 2019, p. 1022).

Figura 4: Rosângela Malachias



Fonte: NÚBIA C. S. L. CORREA, 2020

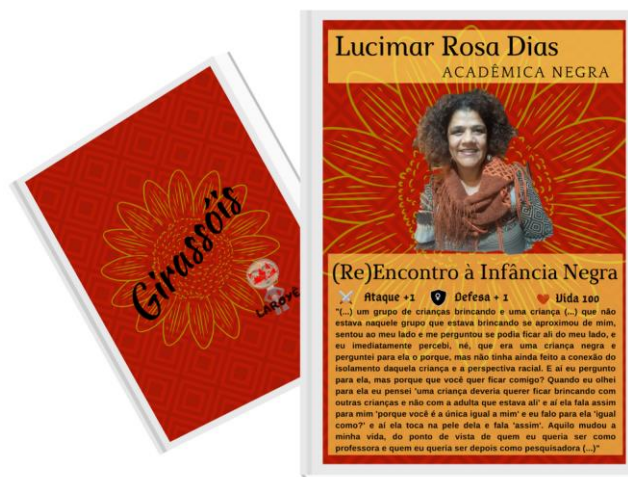
Convergindo no movimento Sankofa, a professora Rosângela Malachias enfatiza a comunicação cidadã e seu processo formativo reportando-se aos trabalhos da comunidade acadêmica ativista. A acadêmica afirma:

tais autores(as) inspiraram-me a assumir a primeira pessoa, quando necessário, definindo caminhos e critérios metodológicos historicamente contextualizados. Como mulher negra brasileira reconheço que a Ancestralidade preparou e semeou a terra na qual piso agora. Vivencio facilidades inimagináveis no passado escravista, mas também experiencio cotidianamente dificuldades e barreiras (pré)dispostas pelo racismo e pela indiferença (MALACHIAS, 2016, p. 2).

Seguindo os passos de forma segura que a ancestralidade preparou, Rosângela Malachias anuncia com blogueiras no Youtube que os corpos negros se apresentam como resistências transculturais. Por conseguinte, a postura da acadêmica em buscar suas referências dentro e fora da acadêmica demonstra que os valores ancestrais da oralidade permeiam suas metodologias e fontes:

multiplicam-se as pessoas, que usam a internet como espaço qualificado de expressão do pensamento. Elas não seriam aceitas como apresentadoras pela televisão aberta, por não se enquadrarem nos modelos eurocentrados de aparência física, entretanto arregimentam seguidores identificados com essa diversidade de narrativas. Plataformas como o YouTube também evidenciam a persistência de uma sub-representação de blogueiros(as) negros(as), em relação aos/as brancos(as). Cabe aqui uma reflexão. O Canal DePretas, no YouTube, comandado por Gabi Oliveira, blogueira negra (de pele escura), graduada em Comunicação pela UERJ registra (dados de setembro/2018) 350 mil seguidoras(es). Este número pode ser considerado pequeno quando comparado a canais de jovens brancos(os) com um, dois ou mais milhões de acessos. Todavia, as pautas de Gabi Oliveira tanto abordam questões estéticas, quanto políticas e culturais, que afetam diretamente a população negra. Cinema Negro, Séries da Netflix, Feminismo Negro; Solidão da Mulher Negra; Como fazer Intercâmbio Educacional, Racismo na Mídia Aberta... dentre outras. Podemos realmente considerar um público de 350 mil pessoas interessadas nestes temas como número pequeno em quantidade? Quantas mulheres de pele escura apresentam programas de sucesso na televisão aberta brasileira? (MALACHIAS, 2019, p.152)

Figura 5: Lucimar Rosa Dias



Fonte: NÚBIA C. S. L. CORREA, 2020

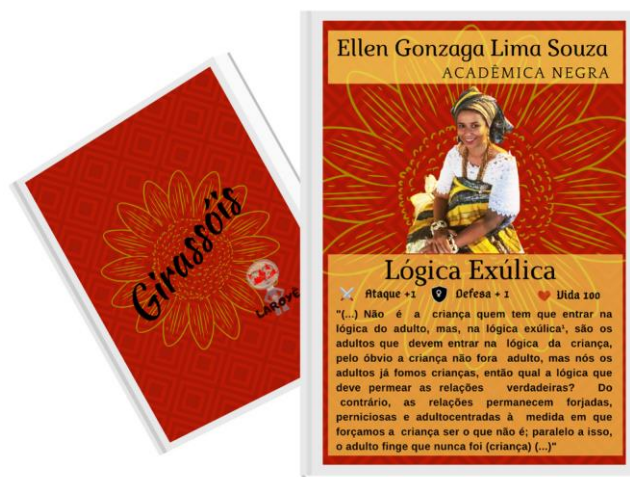
No fluxo e refluxo do movimento Sankofa, a professora Lucimar Rosa Dias apresenta outras metodologias para fazer pesquisa com crianças. Ela vai ao encontro das

diferentes expressões do racismo na Educação Infantil e se senta com as crianças para ouvir a sua criança: de forma ancestral resgata a sua infância e com isso combate os valores do adultocentrismo presentes no patriarcado.

Em uma perspectiva de sororidade a professora Lucimar Rosa Dias descreve princípios pedagógicos para o fortalecimento da identidade das crianças negras construídos no processo pedagógico junto as professoras de Educação Infantil:

em síntese, os quatro princípios pedagógicos aqui organizados, tendo como referência as práticas desenvolvidas pelas professoras ao aplicarem os conhecimentos adquiridos no processo de formação, foram: 1. O educador tem de ter coragem para trabalhar esse tema; 2. O lúdico é importante no contexto das práticas com a diversidade étnico-racial; 3. A ideia de diferença deve ser construída com a criança como algo positivo; 4. A criança tem de ter elementos que colaborem na construção de sua identidade racial de modo positivo, já que essa identidade não deve ser imposta a ela (DIAS, 2012, p. 668).

Figura 6: Ellen Gonzaga Lima Souza



Fonte: NÚBIA C. S. L. CORREA, 2020

Como orientado pela comunidade de mulheres negras acadêmicas a professora Ellen Lima Souza, em movimento Sankofa, buscou com as crianças negras pertencentes as comunidades de terreiros aportes teóricos-metodológicos para compreender a cosmovisão do candomblé. Considerando esse como um espaço de resistência negra, os valores de ancestralidade, corporalidade e oralidade em suas pesquisas são definidos com as crianças. Assim desenvolveu com elas ~~as crianças dos terreiros de candomblé~~ a lógica exúlica: uma orientação metodológica que associa princípios os princípios orientadores do parecer CNE/CP/03/2004 consciência política e histórica da diversidade;



fortalecimento de identidades e de direitos e ações educativas de combate ao racismo e a discriminação, com os princípios orientadores do parecer CNE/CB/20/2009 que estabelece diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil e as orienta em princípios éticos, políticos e estéticos aos princípios da lógica exúlica que movimentam para oralidade, corporalidade e ancestralidade.

Os conceitos orientadores para a construção de uma educação equânime implicam posturas dinamizadoras que podem estar orientadas pela lógica exúlica, sendo elas: a) Acolhimento: receber as crianças em sua ancestralidade dispostas a compreender suas epistemologias; isso exige, na lógica exúlica, romper com a noção de tempo e espaço, pois o mais velho não é necessariamente o mais experiente. b) Cumplicidade: dispor o corpo para se colocar nos diferentes lugares com os outros, construindo com estes/as relações circulares pautadas, que implica a lógica exúlica em considerar que a infância é um estado e, por isso, pode um adulto ser infantil enquanto aprende-ensina-aprende, e pode ainda viver múltiplas infâncias em si mesmo na sua corporalidade. c) Transformação: destinar com as crianças outras finalidades a ações e objetos não estabelecidos socialmente, considerando por meio da lógica exúlica o poder materializador das palavras, sendo esta sempre concreta, independente da escrita, por isso há que se comprometer com o que se expressa, seja ouvindo ou proferindo, por meio da oralidade (SOUZA; SANTIAGO; FARIA, 2018, p. 96-97).

Ainda, com as crianças, a professora Ellen Lima Souza aprender que a África mítica se excorpora ao brincarmos em comunidade. Nesse sentido “(...) observarmos com a lógica exúlica, na perspectiva da negritude, podemos compreender que os mitos justificam os ritos, assim só sou quando danço e sinto com o outro. Ao brincar me africanizo e reitero a minha humanidade (...)” (SOUZA; COSTA, 2019, p.52). Por isso:

Neste desafio de romper com a colonialidade do poder e encontrar as conexões Brasil África entendemos que a melhor bússola pode ser encontrada nas brincadeiras das crianças com suas ancestralidades. Nas interações em uma comunidade de axé que busca conviver com as interconexões entre mitos, ritos, ritmos e ao reestruturar sua África mítica reestrutura sua humanidade (SOUZA; COSTA, 2019, p. 53).

Assim o jogo revela para aqueles/as que estão vivenciando-o como essa comunidade acadêmica de mulheres negras foi lutando de forma a olhar para o Brasil e ver a África. Ainda que miticamente falando, essas intelectuais vão traduzindo valores de comunidade em que o traço comum das pesquisas é que todas se baseiam em suas comunidades de origem: por isso, olham para as crianças como parceiras e como sujeitos que podem, também, ensinar e sobretudo pessoas que podem transgredir os processos de

dominação impostos pela colonialidade do poder que reverberam no racismo e no patriarcado.

Com a aplicabilidade do jogo de RPG nas disciplinas pudemos perceber que os conceitos foram melhor apropriados pelas/os graduandas/os, que a interpretação da comunidade acadêmica fica mais compreensível e que o exercício da pesquisa como forma de militância também.

SEMENTES DISCURSIVAS DE MAIS COMPLEMENTARIDADE E MENOS CONFLITO

Assim no intuito de partilhar flores, entregamos sementes de Girassóis. A comunidade das mulheres negras acadêmicas apresenta em seus conceitos orientadores os fundamentos da educação das relações étnico-raciais que se fundamentam na centralidade das infâncias das crianças negras. Aqui destacamos cinco deles: pensar negro/pensar em comunidade; justiça curricular/coerência pedagógica; comunicação cidadã/valores de oralidade presentes na ancestralidade; reencontro à infância negra/sororidade e a lógica exúlica/brincar na África mítica.

Com o RPG conseguimos visualizar por um jogo a tradução da pesquisa como uma forma de luta e militância, uma luta que exige teorizar com as nossas comunidades e não sobre elas, uma luta por fazer parte de ambas as comunidades, negra e acadêmica. Portanto, os Girassóis representam essas batalhas que, embora intensas, não perdem a afetividade e consolidam estruturas científicas coletivamente.

No combate ao patriarcado essas acadêmicas negras ensinam que é preciso pensar em comunidade para promover justiça curricular e isso exige coerência pedagógica para comunicar valores ancestrais que promovam cidadania com as nossas crianças de ontem e de hoje na ordem cosmogônica de Exu, a qual subverte o tempo e o espaço na medida em que nos leva para a Mãe África.

Por uma educação que se fundamente como as acadêmicas negras em mais complementariedade e menos conflito, lembramos que crianças devem ser sempre acolhidas e jamais abandonadas, por isso reforçamos nossa exigência de justiça com Mirtes e por Miguel!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Anete; LEVCOVITZ, Diane; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. *Infâncias em Educação Infantil*. Pro-posições. Campinas: v. 20, n. 3 (60), 2009, p. 179-197.

ASANTE, Molefi Kete. *Afrocentricity: the theory of social change*. Bufalo, NY: Amulefi Press, 1980. Terceira edição revista Chicago: African American Images, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, 2004

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica*. Brasília: MEC, 2013.

BENTO, Maria Aparecida Silva. *Educação infantil e relações raciais/étnicas*. 2018 Disponível em: <http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Infantil%20e%20rela%C3%A7%C3%B5es%20%C3%A9tnicoraciais%20Maria%20Aparecida%20Silva%20Bento.pdf>. Acesso em 29 de julho de 2020.

_____. *Práticas em Educação Infantil na cidade de São Paulo: Prêmio Educar para a Igualdade Racial*. São Paulo: CEERT Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades, 2014.

CAVALLEIRO, E. *Do Silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, discriminação e preconceito na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2000.

COLLINS, Patrícia Hill. *Epistemologia Feminista Negra*. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

DAMIÃO, Flávia de Jesus. *Primeira infância, afrodescendência e educação no Arraial do retiro, Salvador*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, UFC, 2007.

DIAS, LUCIMAR ROSA. *Formação de professores, educação infantil e diversidade étnico-racial: saberes e fazeres nesse processo* Revista Brasileira de Educação, vol. 17, núm. 51, septiembre-diciembre, 2012, pp. 661-674 Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação Rio de Janeiro, Brasil

DIAS, Lucimar Rosa in Grupo de Estudos Laroyê. *Necropolítica e as Crianças Negras - Prof. Dra. Lucimar Dias - EP02.2020*. (1:18:21). Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=fUW4hkwJMDg&t=543s>>. Acesso em: 27 de julho de 2020.

FRANCO, Nanci Helena Rebouças; FERREIRA, Fernando Ilidio. Pesquisar e educar para as relações étnico-raciais na educação infantil: uma luta contra o ruído do silêncio. 2017. In: Zero-a-Seis, ISSN 1980-4512 Florianópolis, Brasil. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2017v19n36p252>

GOMES, Nilma Lino. *A contribuição dos negros para o pensamento educacional brasileiro*. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; BARBOSA, Lúcia Maria Assunção. *O pensamento dos negros em educação no Brasil: expressões do movimento negro*. São Carlos: EDUFSCar, 1997.

_____. *Por uma indignação antirracista e diaspórica: negritude e afrobrasilidade em tempos de incertezas*. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 10, n. 26, p. 111-124, out. 2018. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/642>> Acesso em: 20/07/2020.

_____. *O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos*. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

_____. *RAÇA E EDUCAÇÃO INFANTIL: À PROCURA DE JUSTIÇA*. Revista e-Curriculum, São Paulo, v.17, n.3, p. 1015-1044 jul./set. 2019. <http://dx.doi.org/10.23925/1809-3876.2019v17i3p1015-1044>

hooks, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*; tradução de Marcela Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

_____. *Olhares Negros: raça e representação*; tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

_____. *Teoria Feminista da margem ao centro*; tradução de Rainer Patriaota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

_____. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*; tradução de Cátia Boicaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

JOVINO, Ione da Silva. *Crianças negras na história: Fontes e discursos sobre a breve infância permitida pelo escravismo oitocentista brasileiro*. Revista Eletrônica de Educação, v. 9, n. 2, p. 189-225, 2015.

KARENGA, Maulana. *Black studies: a critical assessment*. In: Manning, M. *Dispatches from the ebony tower: intellectuals confront the African American experience*. Nova York: Columbia University Press, 2000, p. 162-70.

MORLEY, Louise. *A micropolítica dos estudos de gênero: feminismo e mudança organizacional no mundo acadêmico. Emancipação*, 2002.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Sankofa: Significado e Intenções*. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org). *A matriz africana no mundo*. SP: Selo Negro, 2008.

NUNES, Mighian Danae Ferreira. Cadê as crianças negras que estão aqui?: o racismo (não) comeu. *Latitude*, vol. 10, n. 2, 2016. p. 383-423.

OLIVEIRA, Fabiana. *Um estudo sobre a creche: o que as práticas educativas produzem/revelam sobre as questões raciais?* Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós Graduação em Educação Universidade de São Carlos, São Carlos, 2004.

OLIVEIRA, Kiusam Regina. *Candomblé Ketu e Educação: estratégias para o empoderamento da mulher negra*. São Paulo. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação Universidade de São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Waldete Tristão Farias. *Diversidade étnico-racial no currículo da Educação Infantil: o estudo das práticas educativas de uma EMEI da cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

_____. *Trajetórias de mulheres negras na educação de crianças pequenas no distrito do Jaraguá, em São Paulo: processos diferenciados de formação e de introdução no mercado de trabalho*. Dissertação (Mestrado). PUC-SP, 2006.

ORIEL, Artur Pereira; SANTIAGO, Flávio; SOUZA Ellen Gonzaga Lima. *UBUNTU: Acolhimento ancestral e inquietações feministas negras à educação de bebês e crianças pequenas em creches e pré-escolas*. In: Revista Teias v. 19 • n. 53 • Abr./Jun. 2018 • Imagens e sons para além das escolas DOI: <https://doi.org/10.12957/teias.2018.33547>

Reis, Maria Clareth Gonçalves. (2004). *Reflexões sobre a construção da identidade negra num quilombo pelo viés da história oral*. In: 27ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação ANPED. Caxambu/MG. 2004.

_____. Reis, M. C. G. (2010). *Corporeidade e infâncias: reflexões a partir da lei nº 10.639/03*. Em: A.P. Brandão & A. L. Trindade (Orgs.). *Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho.

RODRIGUES, Tatiane Cosentino; ABRAMOWICZ, Anete. (2013, março). *O debate contemporâneo sobre a diversidade e a diferença nas políticas e pesquisas em educação*. *Educ. Pesqui.*, 39(1),15 30. Retirado em 04 de julho de 2016, de <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022013000100002&lng=en&nrm=iso>.

SANTANA, Patrícia Maria. *Educação infantil*. Em: Ministério da Educação; Secretaria da Educação continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006.

SANTOS, Maria Walburga dos. (2013). *Festas Quilombolas: Entre a Tradição e o Sagrado, Matizes da Ancestralidade Africana*. Revista Histedbr Online, Campinas, v. 13, n. 50, p. 286 - 300.

_____. *Crianças no tempo presente: a sociologia da infância no Brasil*. ProPosições, v. 23, n. 2, p. 235-240, 2012.

SOUZA, Ellen Gonzaga de Lima. *Experiências de Infâncias com produções de culturas no Ilê Axé Omo Oxé Ibá Latam*. 2016. 182 fls. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos – SP, 2016.

_____. *CRIANÇAS NEGRAS E CULTURAS INFANTIS: APORTES PARA A DESCOLONIZAÇÃO DAS INFÂNCIAS*. In: Olh@res, Guarulhos, v. 4, n. 2, p. 24-37, novembro 2016.

_____; SANTIAGO, Flávio; DE FARIA, Ana Lúcia Goulart. *As culturas infantis interrogam a formação docente: tessituras para a construção de pedagogias descolonizadoras*. Revista Linhas, Florianópolis, v. 19, n. 39, p. 80-102, jan./abr. 2018.

_____; COSTA, Daniel Gonzaga. *Culturas infantis e Oxóssi: descolonizando com a assertividade do filho de um caçador*. In: Crítica Educativa (Sorocaba/SP), v. 5, n. 1, p. 45-54, jan./jun.2019. DOI: 10.22476/revcted.v5i1.432.

_____. *Bebês, cultura e raça em terreiros de candomblé: diálogos com HampateBâ*. In: TEBET, Gabriela. Estudos de bebês e diálogos com a sociologia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

SOUZA, Fernanda Cristina. Educação Infantil, educação especial e os planos de educação no Brasil pós 1990. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação de São Paulo. São Paulo – SP, 2018.

UNICEF, Fundo das Nações Unidas para a infância. *O impacto do racismo na infância*. Brasília: UNICEF, 2010.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. *Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de educação infantil*. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, 2011.

Recebido em 01/08/ 2020

Aprovado em 20/08/2020